

## **Desconstruindo estereótipos: a homossexualidade do homem negro em *Moonlight*<sup>1</sup>**

Laís SUASSUNA<sup>2</sup>

Luíza ARAÚJO<sup>3</sup>

Marluce Pereira da SILVA<sup>4</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### **Resumo**

Este artigo analisa o longa-metragem estadunidense *Moonlight: Sob a Luz do Luar* (dirigido por Barry Jenkins, 2016), com foco nas questões sociopolíticas e culturais. Nosso objetivo é discutir, através do personagem Chiron, as nuances da sexualidade, socialização e performances estereotipadas do homem negro. De acordo com o pensamento foucaultiano e concepções do sujeito sociológico e pós-moderno de Stuart Hall, buscamos uma reflexão criteriosa que estimule o rompimento de preconceitos fomentadores de racismo, homofobia e machismo.

**Palavras-chave:** estudos culturais; identidade; masculinidade; sexualidade.

### **1 Introdução**

Desde a infância, o ser humano é atingido pelos padrões da sociedade, assim como é o momento em que surgem questionamentos e o princípio da compreensão sobre si. Na adolescência, as descobertas proporcionam colocar em prática os ensinamentos sociais e curiosidades pessoais. O resultado da vivência dessas fases cria um adulto envolto sob suas inseguranças, mas que exalta ao mundo apenas certezas aceitas no mundo em que vive.

Essas são as três fases da vida que acompanhamos em Chiron: infância, adolescência e idade adulta. Protagonista do filme *Moonlight: Sob a Luz do Luar* (2016), dirigido por Barry Jenkins, Chiron é um jovem negro americano em que a história do filme apresenta suas experiências de vida a partir do processo contraditório de sua formação identitária, a descoberta da sexualidade munida de estereótipos e a fuga para autoafirmação social através da hipermasculinidade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email: [lais\\_renata@hotmail.com](mailto:lais_renata@hotmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email: [luluaraujo@hotmail.com](mailto:luluaraujo@hotmail.com).

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPB, email: [marlucepereira@uol.com.br](mailto:marlucepereira@uol.com.br).

Seguimos o modelo estrutural do filme, analisando o desenvolvimento interno e externo de Chiron em cada um dos três estágios mostrados de sua vida, levando em consideração as influências das esferas sociais em se inserem. Como referenciais teóricos para esta análise, utilizamos os estudos de Stuart Hall (2005) sobre a modernidade tardia e o sujeito pós-moderno e da sexualidade a partir de teorizações de Foucault (1976, 1988, 1999, 2005).

## **2 A representação do homem negro na sétima arte**

A escolha de *Moonlight* como nosso objeto de estudo deve-se ao contexto histórico em que o Cinema representa o homem negro. Seguindo o ritmo do *zeitgeist* cinematográfico, o diretor de cinema estadunidense D. W. Griffith lançou, em 1915, o polêmico longa-metragem *O Nascimento de uma Nação*. Sendo considerado um marco na história do cinema pela inovação na fotografia e montagem de cenas, o modo como o longa retratou a imagem dos negros americanos como preguiçosos, inconsequentes e hostis, estabeleceu estereótipos que perduram, ainda que, discursivamente, na história contemporânea.

Procurando enaltecer os responsáveis pelo desenvolvimento e criação de conteúdos cinematográficos, desde figurinistas até diretores, em 1929 foi estreado o Óscar, formalmente conhecido como Prêmios da Academia. Entregue pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, sediada em território americano, no estado da Califórnia, a celebração por mais de uma década desconsiderou o trabalho de artistas negros.

Nascida no Kansas, estado do centro-oeste dos Estados Unidos, Hattie McDaniel, em 1940, tornou-se a primeira negra a ganhar a estatueta do Oscar, pelo aclamado longa *E o Vento Levou* (1939). Mesmo recebendo a honraria em um hotel que não autorizava a entrada de negros, o reconhecimento como melhor artista coadjuvante parecia trazer uma mudança no cenário das produções e celebrações.

Entretanto, a paisagem estabelecida diferiu do imaginado: em 88 anos, a cerimônia do Óscar, realizada anualmente, apenas concedeu o prêmio de melhor ator e atriz para outros 15 intérpretes negros.

Recebendo e assimilando críticas pela ausência de representação racial, no dia 26 de fevereiro de 2017, a 89.ª cerimônia de entrega dos Prêmios da Academia realizou sua edição mais expressiva para a comunidade artística negra. Concedendo o prêmio

mais importante da noite, o de melhor filme, para *Moonlight*, obra que contou com um elenco, direção e produção formado inteiramente por profissionais negros. Além de ser o primeiro filme com temática LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) a ganhar o prêmio.

### **3 *Moonlight*: uma análise sobre identidade, sexualidade e estereótipos**

A narrativa, ambientada em Liberty City, um bairro pobre de Miami, conta a história do protagonista Chiron através de três atos: da infância, em que ele é chamado de Little (Alex Hilbert), adolescência, em que utiliza seu próprio nome, Chiron (Ashton Sanders), e idade adulta, em que é conhecido como Black (Trevante Rhodes). Nas primeiras fases, em que mora com sua mãe, Paula (Naomie Harris), viciada em drogas, Chiron inicia sua jornada com dúvidas quanto a si, problemas de convivência com a mãe e o *bullying* causado pelos colegas da escola, dentre eles Terrel (Patrick Decile).

Dessa forma, também se introduz o cotidiano de Juan (Mahershala Ali), um cubano que atua como traficante na vizinhança. Ele e sua companheira, Teresa (Janelle Monaé), são a base para o crescimento pessoal do protagonista Chiron. Assim como Kevin (Jaden Piner, Jharrel Jerome, André Holland) um amigo de Chiron, torna-se primordial para suas vivências. Nesse contexto, os caminhos de todos os personagens confluem para retratar e discutir, com sensibilidade, o processo de construção da identidade – e crise – do protagonista.

Chiron, em suas duas primeiras fases de vida, é o que podemos chamar, simplificadamente, de sujeito sociológico. Através da perspectiva dos Estudos Culturais de Stuart Hall (2005), o sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno, tendo seu núcleo interior formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, mediando valores, sentidos e símbolos de onde habita. Nas suas vivências, o protagonista observa e toma para si valores que a sociedade o impõe.

Essa repressão de algo interior em Chiron remete diretamente ao seu desenvolvimento na fase adulta, o que traz à tona a concepção de sujeito pós-moderno, também proposta por Hall. Segundo ele, (2005) o sujeito está se tornando fragmentado, composto de várias identidades que, algumas vezes, podem ser contraditórias ou não-resolvidas. É assim que o protagonista em seus últimos momentos começa a apresentar o jogo de identidades que tem dentro si: os estereótipos sociais referentes ao homem negro em confronto com sua sexualidade.

Dessa forma, sob a ótica de Michel Foucault (1988), compreendemos que Chiron reprime sua inclinação sexual, por motivos de suas vivências anteriores em um grupo social que não o aceita como é, ao passo em que apenas exprime àqueles ao seu redor as características esperadas a um homem negro, para Foucault:

Mais que uma sociedade dedicada à repressão do sexo, eu veria a nossa dedicada à sua “expressão”. Que me perdoem essa palavra desvalorizada. Eu veria o Ocidente obstinado em extrair a verdade do sexo. As ciências, as barreiras, os ocultamentos não devem ser subestimados; mas eles apenas podem se formar e produzir seus duvidosos efeitos sobre o fundo de uma vontade de saber que atravessa toda nossa relação com o sexo. Vontade de saber, nesse ponto imperiosa e na qual somos involuados e pela qual chegamos não só a buscar a verdade do sexo, mas a enviá-la à nossa própria verdade. A ela caberia dizer o que somos. De Gerson a Freud, toda uma lógica do sexo é edificada e organiza a ciência do sujeito. (FOUCAULT, 1976, p. 3).

A homossexualidade apresentada ao longo do filme e que faz parte da construção da identidade de Chiron, em momento algum, é expressa diretamente. Baseada nas subjetividades tanto do espectador quanto dos personagens, a narrativa se abstém de definições explícitas. Para permitir uma compreensão de termos que utilizamos relacionados à análise sobre Chiron, utilizamos a definição de Fernando José Tacques, para quem:

os termos homossexual, homoerótico, homófilo, gay e entendido são palavras que são usadas para nomear os sujeitos que se relacionam sexualmente ou têm desejos por pessoas do mesmo sexo biológico e “trata-se de uma ‘nomeação’ que, via de regra, não implica pejorativa”. (TACQUES, 2007, p. 223 apud SANTOS, 2008, p. 23-4)

### 3.1 Little

A criança a que somos apresentadas, no capítulo introdutório do filme, foge daqueles que não querem seu bem. Sob os gritos de *faggot*, que significa “bicha” (em tradução livre do inglês), é assim que vemos Chiron em seu primeiro momento na infância correndo dos colegas pelas ruas do bairro pobre de Liberty City, em Miami, Estados Unidos. Sendo a primeira vez em que é chamado dessa forma, Chiron começa a internalizar a palavra “bicha” para si.

A sexualidade na infância começa a ganhar forma no filme através de Chiron evitando a todo custo chutar uma bola de futebol durante uma partida com seus colegas. O que pode ser interpretado como uma fuga da masculinidade subentendida por trás

daquele jogo, é também o momento em que Kevin, seu amigo, fala para Chiron ter uma postura mais impositiva de modo a não permitir que os outros colegas continuem lhe atormentando.

Sendo visto que, para ser aceito, precisaria mudar seu jeito de ser para se adequar aos modos de comportamento de seus colegas, é compreensível que:

[...] a criança não pode ser jamais confundida, identificada ou reduzida a uma etapa de desenvolvimento [...]. Ela é alguém hoje, em sua casa, na rua, no trabalho, no clube, na igreja, na creche, na pré-escola ou na escola, construindo-se a partir das relações que estabelece em cada uma dessas instâncias e em todas elas. (SOUZA; KRAMER, 1991, p. 70)

Nas descobertas infantis sobre o próprio corpo, *Moonlight* traz Kevin e outros colegas conversando sobre o tamanho e formato do pênis um do outro. Ao momento em que Chiron entra na sala e percebe o que está acontecendo, junta-se aos meninos na análise. Sob os olhares opressivos e silêncio de todos, fica clara a rejeição dos colegas perante a presença de Chiron naquele momento, subentendendo-se que ele não é aceito em uma atividade de meninos como aquela.

Para além das vivências na escola e com os colegas, desenvolvendo ligação com Chiron e servindo de apoio à criança em seus momentos de dificuldade, durante todo o primeiro ato. Juan assume o papel do que chamaríamos de figura paterna. Juan é quem o ajuda a não ficar tão mal após os embates com os colegas, é quem ensina a criança a nadar e então começa a servir como espelho e guia para o longo da vida do protagonista, o que será visto na prática em sua fase adulta, seja através do uso de dentadura de ouro ou pelo fato de também se tornar um traficante, refletindo talvez:

Naquilo que Lacan chama de "fase do espelho", a criança que não está ainda coordenada e não possui qualquer auto-imagem como uma pessoa "inteira", se vê ou se "imagina" a si própria refletida - seja literalmente, no espelho, seja figurativamente, no "espelho" do olhar do outro - como uma "pessoa inteira". (LACAN, 1977 apud HALL, 2005, p. 37)

Na praia, logo após ensiná-lo a nadar, Juan conta a Chiron: “Uma hora você tem que decidir quem será. Não deixe que decidam por você”. Mas desde então sabemos que, de acordo com Hall (2005, p. 13), “A identidade plenamente unificada, completa,

segura e coerente é uma fantasia”. Com esse pensamento, poderemos compreender melhor a questão das identidades que ambienta a mente do protagonista.

A figura de Juan se destaca em contrapartida à da mãe de Chiron, Paula, esta que utiliza drogas e estabelece com seu filho um relacionamento baseado, por parte dela, na inconstância emocional, sempre pendendo para a agressividade.

Construída através de deduções, a diegese do filme traz Paula reconhecendo um “jeito de andar” diferente que o filho tem como uma das supostas causas do porquê ele apanha dos colegas. Questionando Juan sobre ele conversar com a criança sobre tais problemas e crendo que ele não o faria, Paula acaba por se abster da situação que o filho vivencia e, em uma interpretação livre do filme, toma como fuga o mundo das drogas, sendo sua forma de reação para lidar com a dificuldade de diálogo com Chiron.

Indo contra o que Paula acreditava, na finalização da primeira etapa do filme, Chiron questiona Juan e sua companheira, Teresa, sobre “O que é um bicha?”, ao que o diálogo prossegue:

Juan: Bicha é uma palavra usada para magoar os gays

Chiron: Eu sou bicha?

Juan: Não, não. Pode até ser gay, mas não deixe ninguém te chamar de bicha. [...]

Chiron: Como é que eu sei?

Juan: Você simplesmente sabe. Eu acho.

Teresa: Você vai saber quando for a hora.

Juan: Não precisa saber agora. Ainda não.

O peso do termo “bicha” na realidade da narrativa do filme vem do significado da palavra *faggot* em inglês. De acordo com o site e coluna de jornal do Chicago Reader, The Straight Dope, o termo foi designado a homens homossexuais pela primeira vez em 1914, nos Estados Unidos, em um baile homossexual em que os homens estavam travestidos. Em estudos de 1994, a palavra era usada por homossexuais para se referir a homens que eram ostensivamente afeminados.

Analisando pelo viés do filme, fica claro que ao se colocar meninos, em que se subentende que são heterossexuais, chamando outro, no caso Chiron, por esse termo, o peso que a palavra traz é maior. Para uma criança que é vista com características afeminadas (supõe-se pelo que a mãe de Chiron fala sobre seu jeito de andar) e pela falta de embate de Chiron contra as agressões dos colegas, o termo justifica-se como

ofensivo para aqueles que querem atingi-lo. Em consequência, Chiron toma para si, assim como Juan na sua explicação, o lado negativo do significado da palavra.

A compreensão de que a sociedade interfere diretamente no processo identitário do ser e que há uma costura que o une ao mundo cultural, comprova o que é proposto a partir do sujeito sociológico dito por Hall:

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2005, p. 11-2)

Chiron nesta fase ainda é o que podemos chamar de sujeito sociológico. Suas breves vivências o colocaram a frente de situações que, apenas pelo seu jeito de ser, não são aceitas pelos padrões sociais de seus colegas. E assim ele segue em seu crescimento.

### **3.2 Chiron**

A segunda etapa da vida de Chiron, agora adolescente, já começa marcada pelo seu colega de classe, Terrel, referindo-se a Chiron através de temáticas femininas, como ele trocar o absorvente, ainda chamando Chiron de Little, este que demonstra não gostar de ser intitulado assim. Terrel é a continuidade da pressão social e repressão sobre a identidade do personagem.

Além disso, a relação de Chiron com a mãe torna-se cada vez mais desgastante, mostrando como as atitudes maternas para com o filho influenciam para que ele continue reprimindo seus sentimentos. A relação de poder que existe entre eles exalta a continuidade da mínima abertura de diálogo entre eles para:

Assinalar simplesmente, não o próprio mecanismo da relação entre poder, direito e verdade, mas a intensidade da relação e sua constância, digamos isto: somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la. (FOUCAULT, 1999, p. 29)

Como fuga do lar baseado na dualidade do amor e agressividade por parte de sua mãe, Chiron ainda tem como refúgio Teresa, que agora vive sozinha após a morte de Juan.

Durante um sonho que tem com Kevin, Chiron visualiza o seu amigo tendo relações sexuais com uma garota. No capítulo introdutório do último livro da trilogia *História da Sexualidade* (Foucault, 2005), o filósofo rebusca o significado dos sonhos, seguindo os escritos presentes em *Sobre a Interpretação dos Sonhos* (Artemidoro, século II d.C.) em que desejos reprimidos podem manifestar-se através da imaginação durante os sonhos, ficando implícito se Chiron demonstrava desejo em estar naquela relação com Kevin, no lugar da garota, ou se apenas estava visualizando uma relação sexual que Kevin contou a ele.

Indo ao lugar em que descobriu ser livre durante a infância, Chiron vai, em uma noite, à praia e por acaso encontra-se com Kevin. Durante o diálogo entre os dois, Kevin repete um apelido que utilizou ao chamar Chiron: Black. Percebendo a recorrência e intimidado pelo fato de se sentir na posição de reprimir qualquer relação mais íntima com uma pessoa do mesmo sexo por conta de reações negativas de alheios, Chiron questiona: “Que tipo de cara fica apelidando os outros?”.

O que pode ser visto através do que Foucault (1988, p. 82) chama de lógica da censura no que está em jogo no dispositivo da sexualidade, supondo que essa interdição toma três formas de “afirmar que não é permitido, impedir que se diga, negar que exista”. Sempre intimidado pelos seus atos e sobre sua própria manifestação de identidade, Chiron se vê em posição defensiva para evitar que uma intimidade maior com seu colega, ressaltando que é do mesmo sexo, aumente.

Seguindo a cena em que ambos fumaram e conversaram principalmente sobre o ato de chorar, revela-se a carga emotiva do diálogo e, pela primeira vez, Chiron falando sobre o que sente, mesmo não deixando claro sobre o quê.

Ao se reportarem a sua adolescência, os homens homoeróticos se referem a um período de solidão e isolamento, segundo Lead (1996, p. 266), ou, ainda, como um tempo de compreensão de sentimentos, recentemente descobertos, de emoções e de interesses, ao reunirem informações que os ajudaram a compreender melhor essas descobertas. (SANTOS, 2008, p. 32)

Em sequência, Kevin e Chiron se beijam e têm o primeiro contato sexual entre eles, sendo um momento marcante e primordial como o primeiro passo na descoberta da sexualidade de Chiron. Embora o filme deixe claro o desenrolar natural das relações heterossexuais de Kevin, sua relação íntima nessa cena acontece, também, naturalmente.



Chegando à cena final da fase é visto Terrel propondo a Kevin bater em alguém, apontando Chiron como alvo. Novamente sob os gritos de *faggot* e também sob agressões físicas, fica claro o motivo pelo qual Chiron foi escolhido para aquele momento. Como diz Santos (2008, p. 31), “o período em que o adolescente vai descobrindo a sua homossexualidade é marcado por vivências em que os meninos efeminados são alvos de chacota e são estigmatizados desde a infância”.

### 3.3 Black

Na terceira e última parte do longa, nos é apresentado o capítulo Black, denominação da figura adulta de Chiron, que já nas primeiras cenas mostra uma evidente mudança física e comportamental, se assemelhando à imagem de Juan, fazendo um jogo visual com a simbologia paternal que o personagem teve durante sua infância. A similaridade também é percebida na ligação com o tráfico de drogas, sistema que o protagonista adotou, após sair da prisão, para se sustentar e reforçar sua masculinidade no estereótipo racista de homem negro. Assim, ele se torna líder de uma gangue em Atlanta, capital do estado norte-americano da Geórgia, longe do cenário e das ligações afetivas que estabeleceu nas duas primeiras fases da obra.

No diálogo inicial estabelecido na fase final do filme, é visto que ainda carregando subjetivamente sua face introspectiva e cautelosa, Chiron representa a definição de sujeito sociológico numa transição para o sujeito pós-moderno de Hall (2005), que ocasionalmente simula certa desinibição em interações sociais, apresentando uma crise identitária que difere da sua individualidade mais íntima e fidedigna. Porém ainda mantêm hábitos predominantemente solitários, com tal aspecto sendo reforçado nas cenas seguintes, onde o diretor mostra o cotidiano no apartamento do personagem.

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p. 13)

A identidade ainda reclusa de Chiron, formada pelas ligações interpessoais que fomentavam machismo e homofobia na sua meninice e juventude, é fruto de, segundo Foucault (2005), uma repressão dos desejos amorosos e eróticos em fases iniciais da vida, que afetam criticamente a expressão social e sexual na fase adulta.

Ao receber a repentina ligação de Kevin, amigo com o qual o protagonista teve a primeira e marcante experiência homossexual, os efeitos dessa coerção dos impulsos lascivos ficam nítidos. Numa conversação curta em que os sentimentos não são explicitamente identificados em palavras, mas nas expressões faciais, tensão, confusão e sentimentalidade são exteriorizadas, apenas por ambos não estarem dialogando pessoalmente.

De acordo com Guacira Lopes Louro:

Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam sua normalidade e naturalidade – mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um ‘tipo’ humano distintivo. (LOURO, 2001, p. 542)

Seguindo tal raciocínio, incorporando a questão homossexual com a racial, temos uma intensificação do julgamento social e imposição hostil de um padrão de expressão erótica do homem negro. Não tendo se aproximado de um momento de aceitação, nem nunca se desviando de um ambiente em que a homossexualidade era enxergada como tabu, Black criou um sentimento interior de fragilidade e insegurança, disfarçados em uma forçada postura de um estereótipo exageradamente masculino e heterossexual.

No quadro conseguinte à cena da conversa telefônica, Black acorda e se depara com um vestígio de poluição noturna. Ponderando as entrelinhas, é captado pelo espectador que tal circunstância se sucedeu devido a sonhos eróticos com Kevin. Trazendo outra vez a análise de Foucault (2005) em concordância com Artemidoro (século II d.C), conclui-se que, por vezes, a imaginação se associa a desejos e pensamentos constantes, o que acaba manifestando-se no mundo onírico.

Quebrando a aparência de virilidade e insensibilidade, Chiron alcança uma rendição afetuosa ao visitar sua mãe em, ao que parece ser, uma clínica de reabilitação, momento em que a figura clichê do homem negro impassível é mais uma vez rompida.

Procedendo para os estágios finais do filme, temos Black retornando a Miami, indo de encontro a Kevin. As cenas seguintes fluem carregadas de diálogos e questionamentos intensos que retomam à memória da ligação afetiva existente entre os dois.

Um dos momentos essenciais que reflete a mensagem principal do filme ocorre na cozinha da casa de Kevin, em que o personagem confessa a Chiron: “Nunca fiz nada

que queria fazer. Fiz o que os outros achavam que eu deveria fazer. Nunca fui eu mesmo”. Tal constatação remete ao sujeito sociológico de Hall (2005) e a influência que figuras significativas têm na formação identitária do ser humano.

Segundo McLintock (2010, apud TEIXEIRA, 2014, p.150) “A raça negra é aproximada da natureza, localizando os corpos negros em um espaço anacrônico. Uma das imagens mobilizadas é de uma sexualidade primitiva e mais intensa, menos “civilizada” e mais “animalizada”.

Contrapondo essa afirmação, Jenkins nos guia ao encerramento do filme, não hipersexualizando, mas humanizando os personagens. Com uma confortabilidade comunicacional estabelecida, expondo sentimentos frequentemente reprimidos após ter revelado a Kevin que, além dele, nunca tinha sido tocado por alguém do mesmo sexo, Black se desarma do pudor, permitindo-se receber o afago de outro homem.

#### **4 Considerações**

A representatividade de negros e homossexuais no audiovisual, de uma forma em que as questões do racismo e homofobia são abordadas de maneira crítica, buscando trazer uma reflexão sobre tais pontos ao espectador, deve ser apreciada e popularizada. Assim atua *Moonlight*, com uma sensível cautela, trazendo uma minoria constantemente ignorada, para o palco central do mundo cinematográfico.

Neste artigo, analisamos o homem negro gay aos olhos de uma análise social de Stuart Hall (2005), e sexual, de Foucault (1976, 1988, 1999, 2005), mostrando como as influências de ininterruptos padrões comportamentais afetam o livre arbítrio e a construção de um ser humano saudável.

O estereótipo do negro homossexual, insensível e hiperssexualizado, encaixado nas minúcias mensagens do longa, foi desconstruído ao apresentar o íntimo recatado e sensível de um protagonista que não revelava o seu verdadeiro eu exteriormente.

Com a análise que realizamos, percebemos como a modernidade tardia ainda abriga as mais diversas identidades em uma mesma sociedade e que a dificuldade de harmonia entre elas é motivo para confrontos. Mesmo que a realidade mostrada no filme seja fictícia, sabemos que a obra dialoga com o que vivenciamos diariamente em nossa vida. Por isso a importância em compreender a desconstrução de um personagem tão simbólico quanto Chiron.

Por mais que a sexualidade ainda seja vista como algo a ser reprimido, principalmente quando atua em discordância dos padrões gerais da sociedade, também pudemos observar através de nossa análise como pouco a pouco busca-se romper com esses estigmas sociais. Campos teóricos discutem há anos sobre tais temas, mas o contato geral com a população ocorre principalmente através de meios de comunicação como o audiovisual. *Moonlight* se mostra como uma fonte para abrir a discussão, principalmente após a grande visibilidade que recebeu. Resta esperar que a perpetuação desse tema em campos artísticos permaneça e caminhe progressivamente.

## Referências

BRAGA, Gibran Teixeira. Prazeres Incômodos: trajetórias de negros no universo do homoerotismo virtual. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 6, p.147-163, 06 jul. 2014. Disponível em: <[http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-6/artigos/7\\_Prazeres\\_Incomodos.pdf](http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-6/artigos/7_Prazeres_Incomodos.pdf)>. Acesso em: 03 maio 2017.

FANTASMA do racismo em Hollywood assombra cerimônia do Oscar. **O Popular**. 28 fev. 2016. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/blogs/oscar-2016/fantasma-do-racismo-em-hollywood-assombra-cerim%C3%B4nia-do-oscar-1.1044480>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

FOUCAULT, Michel. O ocidente e a verdade do sexo. **Le Monde**. Paris, p. 24-29. 05 nov. 1976. Disponível em: <<http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/ocidente.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2017.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade III: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HISTÓRIA dos negros no cinema está marcada por conquistas e retrocessos. **Acervo O Globo**. 16 jan. 2015. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/historia-dos-negros-no-cinema-esta-marcada-por-conquistas-retrocessos-15071304>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

HOW did "faggot" get to mean "male homosexual"? **The Straight Dope**. 29 jul. 2003. Disponível em: <<http://www.straightdope.com/columns/read/2112/how-did-faggot-get-to-mean-male-homosexual>>. Acesso em: 02 maio 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, [s.l.], v. 9, n. 2, p.541-553, 2001. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2001000200012>.

MOONLIGHT: Sob a Luz do Luar. Direção de Barry Jenkins. 2016. (110 min.), son., color.

OLIVEIRA, Igor Esteves de. Gay Nerd | A importância da vitória de Moonlight no Oscar 2017. **Omelete**. 27 fev. 2017. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/colunistas/artigo/a-importancia-da-vitoria-de-moonlight-no-oscar-2017>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

OS 16 atores negros vencedores do Oscar. **O Globo**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/os-16-atores-negros-vencedores-do-oscar-18502938>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

PÉCORRA, Luísa. Conheça Hattie McDaniel, a primeira atriz negra a ganhar Oscar. **Mulher no Cinema**. 29 jan. 2016. Disponível em: <<http://mulhernocinema.com/para-ler/conheca-hattie-mcdaniel-a-primeira-atriz-negra-a-ganhar-o-oscar>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

PESSOA, Breno. Moonlight: Sob a Luz do Luar é um retrato sensível sobre etnia e sexualidade. **Diário de Pernambuco**. 24 fev. 2017. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2017/02/24/internas\\_viver,691115/moonlight-sob-a-luz-do-luar-e-um-retrato-sensivel-sobre-etnia-e-sexua.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2017/02/24/internas_viver,691115/moonlight-sob-a-luz-do-luar-e-um-retrato-sensivel-sobre-etnia-e-sexua.shtml)>. Acesso em: 26 abr. 2017.

SANTOS, Izaac Azevedo dos. **Narrativas de um adolescente homoerótico: conflitos do 'eu' na rede de relações sociais da infância à adolescência**. 2008. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Cap. 2. Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca\\_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=25742@1](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=25742@1)>. Acesso em: 30 abr. 2017.

SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sonia. O debate Piaget/Vygotsky e as políticas educacionais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 77, p.69-80, maio 1991. Trimestral. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1044/1052>>. Acesso em: 02 maio 2017.

VILLAÇA, Pablo. Moonlight: Sob a Luz do Luar. **Cinema em Cena**. 06 fev. 2017. Disponível em: <<http://cinemaemcena.cartacapital.com.br/critica/filme/8355/moonlight-sob-a-luz-do-luar>>. Acesso em: 03 maio 2017.